

Jesus e João: dois nascimentos miraculosos



Craig L. Blomberg, Ph.D.

*Experience: Distinguished Professor of New Testament Studies
at Denver Seminary in Littleton, Colorado*

I. Introdução à Vida de Cristo

Nesta Unidade, estamos finalmente prontos para chegar a um levantamento da vida do próprio Cristo, reunindo as informações que encontramos nos quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. É importante ter em mente o que enfatizamos nas últimas duas unidades, que, quando se lê qualquer relato bíblico de qualquer um dos quatro Evangelhos, é preciso ter em mente o contexto histórico mais amplo das preocupações peculiares de qualquer que seja o escritor do Evangelho que está sendo lido no momento.

Não obstante, em uma série de pesquisa como esta, também é útil combinar as informações de tal forma a obter uma sequência cronológica, da melhor maneira que pudermos reconstruí-la, dos eventos da vida de Jesus narrados pelos quatro evangelhos.

II. Visão geral cronológica

Obviamente, precisamos começar com alguma visão geral cronológica. Pode ser surpreendente, para muitas pessoas, descobrir que os estudiosos concordam que Jesus Cristo nasceu, o mais tardar, no ano a que hoje chamamos de 4 a.C. Como Jesus poderia ter nascido quatro anos “antes de Cristo?” Bem, a resposta, claro, é que no tempo de Jesus ninguém usava os termos d.C. ou a.C. Para um romano, aproximadamente o primeiro ano do que chamamos de d.C. teria sido 754 pela contagem romana — ou seja, 754 anos a partir da data em que eles acreditavam que a cidade (e mais tarde, então, o império de Roma) foi fundada.

A. A data do nascimento de Cristo

Os judeus calculavam o ano, a partir da data em que se acreditava que o mundo havia sido criado. Foi somente no século VI que um monge católico e um cronografista de nome Dionísio Exíguo

tentaram recalcular os eventos do início da era cristã e encontraram a data que acabou se tornando a base para calcular o calendário, agora quase universalmente adotado em todo o mundo, a partir do ano em que, naquele tempo, eles achavam que Cristo havia nascido. Infelizmente, Dionísio não tinha muitas informações históricas disponíveis que pudesse ter usado.

Mais tarde, descobriu-se a partir de escritos de Josefo (que haviam sido preservados desde o primeiro século), que, de acordo com as datas daquele historiador judeu, Herodes, o Grande, líder e governante da Galileia e da Judeia — que era o território de Israel por ocasião do nascimento de Cristo — realmente morreu no ano agora especificado em 4 a.C. Portanto, uma vez que o menino Jesus já estava vivo e, talvez, tivesse até dois anos de idade no tempo de Herodes, o nascimento de Jesus teria que ser datado antes. Digo até dois anos de idade porque lemos no Evangelho de Mateus que Herodes, o Grande, mandou massacrar todos os bebês de Belém e adjacências que tivessem até aquela idade e, a menos que esse fosse apenas um caso de exagero, é possível que Herodes soubesse que esse tempo aproximado havia passado desde o nascimento dessa criança aparentemente real. Portanto, podemos datar o nascimento de Jesus para algum momento entre 6 a.C. e 4 a.C.

B. Estabelecendo a data da infância e do ministério de Cristo

O único outro evento descrito pelos Evangelhos que trata da infância de Cristo é o Seu ensinamento no templo, aos 12 anos, o que pode, portanto, corresponder a cerca de 7 d.C. Depois, saltamos imediatamente para o ministério adulto de Cristo. Aqui há informações não completamente harmonizáveis, pelo menos com base nas fontes atualmente disponíveis para nós. Lucas 3.1 diz que Jesus começou Seu ministério no momento em que João Batista também estava ministrando — no décimo-quinto ano de reinado do imperador Tibério. Infelizmente, Tibério começou a co-reinar com seu antecessor Augusto em aproximadamente 12 d.C.; ele começou a reinar sozinho, por volta de 14 ou 15 d.C. e, por isso, não temos uma exata certeza sobre em que ano começar. A redação de Lucas também não é precisa, porque ele diz que Jesus tinha cerca de 30 anos de idade.

Outro versículo relevante é João 2.20, que encontra Jesus no início de Seu ministério na época da Páscoa em Jerusalém, no quadragésimo-sexto ano depois de Herodes, o Grande, ter ordenado a reconstrução do templo. Datando a partir de

aproximadamente 19 ou 20 a.C., segundo as informações de Josefo, isso nos situaria por volta do ano de 28 d.C. Assim, um bom palpite é que Jesus tenha começado Seu ministério, após um período ao longo do qual talvez tenha sido um seguidor de João Batista por breve tempo, em cerca de 27 ou 28 d.C.

Há também incerteza quanto à data da crucificação, porque a Páscoa, que cai na sexta-feira, ocorreu tanto em 30, quanto em 33. Quando tentamos reunir as informações do livro de Atos e da cronologia cristã posterior, de certa forma essas duas datas são plausíveis, embora talvez se tenha uma quantidade ligeiramente maior de material disponível a ser incluso para a data posterior de 33. É razoável, então, dizer que os estudiosos estão divididos por igual entre os anos 30 e 33 para a crucificação, embora talvez as evidências pesem um pouco a favor da data anterior, 30 d.C.

Então, isso também é compatível com a informação do Evangelho de João: só ele nos diz que Jesus foi repetidamente a Jerusalém na época da Páscoa, e é a partir do Evangelho de João que somos capazes de presumir que o ministério de Cristo durou desde um pouco menos até um pouco mais de três anos. Fora desses números aproximados, é difícil encaixar todo o material dos Evangelhos juntos em uma única cronologia exata. Já foram escritas harmonias dos Evangelhos; não é que as informações sejam irremediavelmente contraditórias. De fato, a questão é que existem várias maneiras de encaixar as informações, e os próprios Evangelhos frequentemente agrupam o material por tópicos, além de cronologicamente. Aparentemente, eles não estavam preocupados, como era o caso de muitos historiadores antigos, com a precisão de cronologia com que nós, pessoas modernas, muitas vezes estamos.

C. Esboço cronológico do ministério de Jesus

Então, nós simplesmente seguiremos essa cronologia aproximada da vida de Cristo, falando sobre as principais etapas do Seu ministério à medida que avançamos. Uma maneira muito popular de dividir o ministério de Jesus em três etapas, cada uma compreendendo aproximadamente período de um ano, é falando em termos do primeiro ano, como sendo o de obscuridade (o Evangelho de João nos dá a maior quantidade de informações acerca desse período, e voltaremos a ele em nossa próxima unidade); de um ano de grande popularidade abrangendo Seu ministério predominantemente galileu; e, em seguida, do ano que culmina em Sua crucificação na festa da Páscoa da primavera,

um ano que poderíamos descrever como ano de rejeição. Então, voltemos ao início e, no restante desta unidade e nas próximas, prossigamos de modo aproximadamente sequencial pelas principais etapas da vida de Cristo, destacando o que acontece em cada etapa e as principais questões interpretativas e ênfases teológicas encontradas nos quatro evangelhos.

III. Nascimento e infância de Jesus

Há dois evangelhos que descrevem o nascimento e a infância de Jesus: o Evangelho de Mateus e o Evangelho de Lucas, cada um dedicando dois capítulos a esse tópico específico. Mas esses dois evangelhos são bastante diferentes nas informações que nos fornecem acerca dos eventos que cercam o nascimento e infância de Jesus.

A. Mateus e Lucas: duas genealogias diferentes

Mateus começa seu Evangelho com a genealogia; Lucas também inclui uma, mas o faz mais tarde, em seu terceiro capítulo, e nem todos os nomes são os mesmos. As duas explicações ou harmonizações mais populares desse fenômeno são que Mateus se ocupa da ascendência de Jesus pelo lado de seu pai adotivo, José, enquanto Lucas se ocupa da ascendência de Jesus pelo lado de Maria, sua mãe humana e biológica. Alternativamente, outros têm sugerido que Mateus retrata a genealogia legal de Jesus, enquanto Lucas retrata Sua genealogia humana, mas ambos pelo lado do pai adotivo, José, de quem derivam Sua ascendência real e, portanto, Suas credenciais messiânicas.

B. O relato de Mateus

De qualquer modo, Mateus se preocupa muito em ligar Jesus ao Antigo Testamento. Uma maneira de explicar sua escolha de material nos capítulos 1 e 2 foi dizer que ele se ocupa com o “quem” e o “onde” do nascimento de Jesus. Na genealogia, ele enfatiza Jesus como filho de Abraão e filho de Davi; a seguir, nas demais partes da prosa do capítulo 1, descreve Jesus como Emanuel, “Deus conosco” — aquele que cumpriu totalmente a profecia do profeta Isaías acerca daquele que nasceria de, e seria concebido por, uma virgem. O capítulo 2 continua com o cumprimento adicional de profecia, aqui tudo relacionado a diversas localizações geográficas importantes para o nascimento de Jesus e os acontecimentos que o cercam: Belém (2.1-12); o Egito e a fuga da sagrada família para lá em 2.13-15; Ramá, nos arredores de Belém (2.16-21); e,

finalmente, Nazaré, nos dois últimos versículos do capítulo.

Mateus trata do “quem” e do “onde” do nascimento de Jesus e se ocupa em mostrar de cinco formas diferentes, uma no capítulo 1 e quatro no capítulo 2, como Jesus cumpre a profecia do Antigo Testamento. Às vezes, trata-se de predições muito simples que se tornaram realidade, como a profecia de Miqueias de que o Messias nasceria em Belém. Em outros casos, Mateus emprega a antiga e comum prática judaica da tipologia — tomar uma passagem que não é necessariamente uma predição, mas uma referência a algum padrão importante da atividade redentora de Deus nos tempos do Antigo Testamento.

Um exemplo claro disso é Oseias 11.1, citado por Mateus: “Do Egito chamei o meu filho”. No contexto de Oseias, essa não é uma predição de qualquer coisa; ela é uma referência ao povo de Deus, Israel, incorporação do filho de Deus, sendo libertado do Egito na época do Êxodo. Mas Mateus pensa que não era mera coincidência, mas concebido de forma providencial, que Jesus, o libertador definitivo e completo do povo de Deus, também devesse fugir para o Egito e, em seguida, sair dele, ainda que sendo um bebê.

Essa, então, é outra maneira pela qual Mateus, seguindo uma típica mentalidade judaica, acredita que a profecia se cumpre, ou, como poderíamos traduzir hoje, “se completa”. Várias outras profecias contidas nesses capítulos e em outros lugares dos Evangelhos são, talvez, mais bem explicadas como uma combinação de elementos preditivos e tipológicos. Muita controvérsia, parte dela provavelmente desnecessária, cercou a famosa profecia de Isaías acerca da virgem que conceberia e teria um filho — Isaías 7.14. No contexto está claro que essa criança se refere a alguém que vive nos dias de Isaías, porque o texto continua dizendo que, antes de a criança ter idade suficiente para distinguir o certo do errado, os dois reis que Israel teme já não os ameaçariam. Ainda assim, a jovem não era estritamente uma virgem dos dias de Isaías e Mateus vê que essa profecia não se cumpriu nos tempos de Isaías. Ele acredita haver um cumprimento mais completo, na pessoa do próprio Jesus, ao nascer de Maria sem a ajuda de qualquer pai biológico.

Aqui, talvez possamos falar em múltiplos cumprimentos, ou alguns falariam em escorço profético, do mesmo modo que, muitas vezes, alguém olhando de frente para uma cadeia de montanhas não vê os múltiplos picos que estão uns atrás dos outros. Todas essas eram técnicas judaicas comumente entendidas e aceitas

de emitir uma profecia e entendê-la como tendo sido cumprida, e teria sido convincente para a plateia judaica a que Mateus se dirigia, que, de fato, algo sobrenatural, algo concebido por Deus, estivesse ocorrendo. Se compararmos os dois primeiros capítulos de Mateus com dois capítulos de Lucas, vemos os mesmos personagens básicos, os mesmos acontecimentos básicos, mas uma variedade de detalhes muito distintos.

C. O relato de Lucas

O padrão de Lucas nos capítulos 1 e 2 é descrever os eventos que levaram ao nascimento de dois personagens centrais: João Batista, aquele que seria o precursor de Jesus; e, em seguida, o próprio Jesus. Então, para se ter um esboço em miniatura do Evangelho de Lucas nestes dois capítulos, poderíamos dizer que, depois do prefácio de Lucas, 1.5-25 prediz o nascimento de João Batista; 1.26-38 prediz o nascimento de Jesus; em 1.39-56, as duas futuras mães que receberam essas predições se visitam, para que as vidas das crianças, que logo nascerão, comecem a se cruzar; então, 1.57-80 narra o nascimento de João Batista; 2.1-40 relata o nascimento de Jesus nos mínimos detalhes; e depois, em 2.41-52, uma característica exclusiva da vida de Jesus como criança é o seu ensinamento no templo, aos 12 anos.

É interessante notar as semelhanças e as diferenças entre os eventos que cercam o nascimento desses dois personagens. No caso de João Batista e Jesus, há paralelos que envolvem Lucas descrevendo os dois como nascidos de pais piedosos; serem fruto de concepções milagrosas; serem anunciados por anjos e descritos como tendo vindo com significado profético e redentor; e a descrença inicial, seguida por aceitação e louvor a Deus. De fato, uma das coisas que se destaca em Lucas 1 e 2 é o número de vezes em que uma linguagem semelhante à poética é usada nos lábios de Jesus ou dos pais de João, ou do profeta e da profetisa do templo, Simeão e Ana, que já eram idosos.

Alguns entenderam que essas expressões tinham, como era comum no antigo judaísmo, quase uma natureza de hinos — explosões de louvor a Deus pelo que Ele estava prestes a fazer por meio de duas crianças. E, de fato, nas alas mais litúrgicas da igreja cristã, muitos desses louvores e orações assumiram grande importância na história cristã, o mais famoso sendo, sem dúvida, o hino de louvor de Maria, conhecido como Magnificat em decorrência da tradução latina da primeira palavra desse hino. Apesar da existência de todos esses diversos paralelos, há, obviamente, diferenças claras:

João será simplesmente um precursor que apontava o caminho em direção a Jesus; João é sobrenaturalmente concebido por alguém que foi estéril, mas Jesus é muito mais sobrenaturalmente concebido por alguém que sequer conhecera sexualmente um homem.

E até mesmo a quantidade de atenção dada a Jesus deixa claro que Ele é o ponto focal desses dois capítulos e aquele que os anjos comemoram em 2.11 - “Hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor”.

O outro detalhe isolado que Lucas inclui no fim desses dois capítulos é o famoso incidente de Jesus surpreendendo os mestres no templo, com Sua sabedoria e Suas perguntas e respostas numa idade em que um menino judeu teria atingido a maioridade e levado sobre si o jugo dos mandamentos, o que ainda hoje é chamado, em hebraico, de cerimônia do Bar Mitzvá. Contudo, é interessante que, afora esse incidente único, nada aprendemos nos Evangelhos sobre a vida de Jesus como pessoa mais jovem, criança, adolescente, nem mesmo como jovem adulto.

Presumimos que Ele trabalhou como aprendiz de seu pai, José, e eventualmente, talvez, como sócio integral em sua oficina de carpintaria. Mas, diferentemente do que dizem os Evangelhos apócrifos posteriores, que tentaram celebrar, enaltecer e glorificar Jesus, o filho, atribuindo-lhe todos os tipos de feitos prodigiosos e miraculosos, aparentemente Sua infância foi relativamente normal.

Ele era um bom e obediente menino judeu, mas não alguém que surpreendia as massas com os tipos de milagres que Ele iria operar mais adiante. Lucas confirma isso no versículo final dos seus capítulos iniciais, Lucas 2.52, que diz que, depois de voltar com seus pais para Nazaré, Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens, das quatro maneiras como todas as crianças humanas crescem naturalmente — intelectual, física, espiritual e socialmente.

D. Comparação entre os relatos de Mateus e Lucas

Portanto, cada um à sua maneira, Mateus e Lucas têm temas chaves em comum: Jesus é aquele que será a esperança de Israel e o cumprimento do Antigo Testamento, mas também será aquele que estenderá as bênçãos de Deus aos gentios e a outros que estão no ostracismo. Mateus, em especial, enfatiza Jesus como

o rei legítimo, em oposição a Herodes, o usurpador, apesar das tentativas de Herodes de exterminar o menino Jesus; enquanto Lucas enfatiza mais a universalidade de Jesus, Sua vinda como Salvador e Senhor e, nos hinos de louvor que os personagens cantam nesses capítulos iniciais, o fato de que Ele trará liberdade espiritual e socioeconômica, invertendo os padrões e as crenças do mundo. Então, agora, os Evangelhos saltam para o início do ministério adulto de Cristo, quando sua vida se cruza novamente com João Batista e culmina com Seu batismo por João, estabelecendo, assim, o cenário para a fase mais pública de sua vida, de aproximadamente três anos.

IV. João Batista

Todos os quatro Evangelhos, de fato, nos apresentam João Batista, que, depois do próprio Jesus, parece ser o personagem mais destacado — pelo menos, em termos da quantidade de texto dedicado a ele — que qualquer outro dos Evangelhos. João é descrito como um profeta, um profeta que particularmente lembrava Elias em termos de vestuário, de sua localização, seu ministério no deserto, sua mensagem, às vezes uma mensagem austera de juízo. Essa mensagem, de fato, é resumida, particularmente em Marcos e Mateus, como um chamado ao arrependimento e batismo, levando ao perdão dos pecados.

No contexto judaico, o arrependimento significava uma mudança de comportamento e de coração; um judeu chamar outros judeus a tal contrição e transformação radical diante de Deus era, em grande parte, inédito, pelo menos desde a época dos grandes profetas que haviam transmitido o juízo de Deus de infidelidade à maioria do povo de Israel. Ele também chamava pessoas a serem batizadas, primariamente no rio Jordão. O batismo era conhecido a partir de rituais praticados pelos essênios em Qumran e, embora não tenhamos uma exata certeza quanto à sua data de início, a prática judaica de batismo dos prosélitos, pedida a gentios que se converteriam ao judaísmo, parece ter formado outro precedente para o chamado e ministério de João.

Singular, porém, foi o chamado estendido a todos os judeus, mesmo àqueles que aparentemente tinham sido fiéis e cumpridores da lei, a se submeterem a esse ritual como se, na verdade, eles não estivessem bem com Deus. João fala também de um batismo do Espírito e de fogo que aquele que o segue produzirá, aparentemente uma referência ao elemento simultaneamente de limpeza e julgamento do ministério de Jesus, conforme as reações

das pessoas a Ele.

Em certa etapa, Jesus aparece nos Evangelhos como virtualmente um seguidor de João; de fato, Jesus vai a João para ser batizado por ele. Mas o Evangelho de Mateus, em particular, deixa claro que Jesus não está sendo batizado por causa de algum pecado Seu, como Ele explica em 3.15, mas sim “porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça”. Em outras palavras, Ele está colocando seu divino selo de aprovação no ministério de João.

Aprendizagem cristocêntrica— a qualquer momento, em qualquer lugar